

## A indeterminação no pensamento: psicanálise, inconsciente e diferença

Luiz Paulo Leitão Martins

### PARA INTRODUIZIR

Em 1957, passados quase vinte anos desde a morte de Sigmund Freud, o psicanalista Jacques Lacan se perguntaria: “o que é a razão depois de Freud?”.<sup>1</sup> Deve-se dizer: não se tratava em absoluto de pensar que, com Freud, a racionalidade estava condenada ao fracasso – e isso dada a ineficácia em sua abordagem do objeto em questão, qual seja, o inconsciente –, sendo necessária a sua superação ou mesmo dissolução. Ao contrário disso, está explícita na pergunta mesma de Lacan justamente a necessidade no que concerne à categoria de pensamento, até então estabelecida numa relação de razão com a realidade, de se avaliar os efeitos de um *acontecimento* de discurso, como é o caso da psicanálise. Em outros termos, interessava interpelar em que exatamente a descoberta preconizada por Freud implicava determinadas questões no plano da razão, de modo que esta, por sua vez, tivesse de operar certa modificação para acolher devidamente as demandas de sua teoria. Ora, perguntar-se pelo estatuto da *razão* depois de *Freud* deve atribuir uma positividade própria a ambos os termos da articulação. Não se trata de modo algum de um movimento unilateral – da descoberta do inconsciente à transformação da razão na psicanálise –, mas de uma problemática *conjunta*, em que qualquer variação em um dos lados está intimamente ligada à variação no outro. Isso quer dizer que, em relação ao inconsciente, para a sua própria constatação já era necessária certa distribuição da razão, sem a qual não haveria sequer psicanálise, e que com sua postulação, por seu turno, resultava uma nova disposição do saber já implicada na experiência analítica propriamente dita.

<sup>1</sup> LACAN, Jacques. L'instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud. In: \_\_\_\_\_. *Écrits*. Paris: Seuil, 1957/1966. p. 493. Esta e as demais traduções são livres.

Com efeito, equacionar psicanálise e razão no regime do *pensamento*<sup>2</sup> já é uma ambição presente em alguns dos textos do fundador da psicanálise, de modo que quando, numa conhecida passagem, ele diz: “onde *isso* estava, o *eu* deve advir”, referindo-se à relação entre o inconsciente e a subjetividade, o texto prossegue com: “trata-se de um trabalho de cultura”.<sup>3</sup> O presente artigo quer levar isso a sério, ou seja, pretende demarcar justamente na elaboração teórica de Freud as dimensões da *razão* e da *subjetividade*, levando em conta o contexto de sua enunciação, como também os seus desdobramentos teóricos, que podemos recolher na experiência da *modernidade*. Nossa hipótese é de que a verdade de que se trata na psicanálise, da descoberta do *isso* do inconsciente, deve ser promovida num campo de saber em que a subjetividade referida por Freud está em estreita correlação à especificidade da razão no nível do pensamento. Assim, articular inconsciente, subjetividade, razão e modernidade é o que pretendemos. Resta ainda, para usar a metáfora de Freud, formular como intentamos promover a drenagem do Zuiderzee.

Esta investigação tem como ponto de partida e base o texto freudiano. É sobre ele que iremos nos debruçar, pretendendo localizar uma elaboração capaz de problematizar o estatuto da racionalidade em psicanálise. Numa *primeira tópica*, nossa abordagem deve se dirigir como uma interrogação para o período de *fundação* da psicanálise. Retomar a experiência de Freud com as pacientes ditas históricas nos será central para definir a constituição da psicanálise numa relação profunda com uma dimensão *negativa* da experiência reflexiva, na medida em que seu objeto resiste à determinação da razão. Seguiremos o percurso de Freud apontando elementos que indicam um progressivo deslocamento teórico, partindo do saber médico para a proposição de uma psicanálise dos fenômenos psíquicos. Ao fim, a positivação conceitual do *inconsciente*, nesses termos, coincidirá com o estabelecimento de uma outra disposição entre as categorias de saber e de verdade, de modo que a especificidade da psicanálise será localizada por essa via. Numa *segunda tópica*, discorreremos sobre duas figuras centrais desenvolvidas por Michel Foucault na caracterização do pensamento moderno, a saber, o impensado e a finitude. Essas figuras serão articuladas à noção psicanalítica de inconsciente,

<sup>2</sup> BADIOU, Alain. Philosophy and psychoanalysis. In: \_\_\_\_\_. *Infinite thought: truth and the return of philosophy*. Londres; Nova York: Continuum, 2003/2005. p. 79.

<sup>3</sup> Tradução modificada de FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22, p. 84. 1. ed. 1932-1933.

pensado aqui sobretudo segundo o modelo econômico. Especificamente em relação à finitude abordaremos duas possibilidades teóricas de formulação em Freud para se pensar a intensidade. A primeira deve abranger o início da psicanálise até meados de 1920, no qual o inconsciente é pensado sob o postulado biológico do *vitalismo*, e a segunda abordará o período após 1920, cuja definição se dá pela influência central da perspectiva *mortalista*. Trata-se de um espaço no corpo do texto que nos permitirá medir como Freud desloca-se teoricamente de modo a imprimir uma radicalidade cada vez maior a uma acepção irredutível do inconsciente ao simbólico, trazendo como implicação a necessidade de pensar um outro modo de formalização que não o da identidade. Ao final, numa *terceira* tópica do texto, avaliaremos como a psicanálise se inscreve numa ampla discussão filosófica sobre as noções de *diferença* e *negatividade*. O objetivo é pensar como a psicanálise, por seu turno, manifesta tanto na teoria quanto na prática um modo de operação na ciência cuja valoração central para a sua manutenção é a noção de *indeterminação* do inconsciente. O saldo esperado deve apontar para a especificidade da psicanálise no campo do saber, bem como para a repercussão de suas proposições no entendimento da razão no tempo atual.

#### FREUD E AS HISTÓRICAS: DA MEDICINA À PSICANÁLISE

O trabalho de percorrer a história de formação de um *discurso* – o que implica a constituição de articulações inéditas entre *as palavras e as coisas*, como é o caso da psicanálise – foi amplamente desenvolvido por Foucault. Em busca de *atos* do discurso,<sup>4</sup> como elementos centrais de um *a priori histórico*, o filósofo se interessaria pela *descontinuidade* entre os eventos de uma população de enunciados, num primeiro momento de sua obra, sobretudo, referente às histórias da clínica médica e da configuração do saber na passagem da idade clássica à modernidade. A proposição de uma *arqueologia*, nesse sentido, fundar-se-ia por uma espécie de exploração de arquivos, como conjunto de enunciados de um tempo, visando encontrar aí um ponto de apoio a partir do qual os próprios enunciados seriam possíveis. Ao abordar o período de formação da psicanálise queremos levar em conta a referência de certo arquivo discursivo da clí-

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. Réponse au cercle d'épistémologie. *Cahiers pour l'analyse*, v. 9, p. 14, 1968.

nica médica na segunda metade do século XIX, pensando a sua *determinação* sobre o saber enunciado por Freud. Nesse sentido, a psicanálise será ao mesmo tempo avaliada quanto à *manutenção* de certas posições discursivas da medicina e quanto à operação de um *rompimento*, que dá origem, de fato e de direito, a uma modalidade nova e particular de discursividade.<sup>5</sup>

Considerada a besta negra [*bête noire*] da medicina moderna, a histeria<sup>6</sup> era marcada, ainda na época de Freud, por um tratamento de preconceito e de discriminação generalizada. Com o nome de origem grega em referência ao útero e filiada historicamente ao grupo das possessões e das feitiçarias, a enfermidade era tida como exagero passional, simulação e loucura. Uma experiência que, em relação à categoria do pensamento, se apresentava sob as formas do *engano*, já que simulada e fingida, e da *desrazão*, já que louca, desordenada e transbordante em paixão, não deveria ser realmente levada a sério.<sup>7</sup> De fato, uma vez definido o diagnóstico, não havia qualquer esforço nem interesse no progresso da investigação, sendo seus sintomas de pouca precisão e determinados por *qualquer* combinação nosográfica. Nesse contexto, enquanto as escolas ortodoxas da Alemanha e da Inglaterra representavam para Freud uma perspectiva de evidente *indiscriminação* no que tange à definição da histeria em relação às outras neuroses e psicopatologias, a França, com os trabalhos proeminentes de Jean-Martin Charcot junto ao Hospital da Salpêtrière, oferecia uma outra via pela *neuropatologia*. Teria sido por sua visita à Paris em 1885 que Freud mudaria seu tema de estudo: da *anatomia* do sistema nervoso para a *psicopatologia*, de modo que a influência de Charcot nessa transição seria fundamental. Por uma referência podemos ver a força da determinação do homem de Paris em relação àquele que visitava a sua escola: numa citação indireta, Freud, quanto ao que Charcot costumava dizer, escrevera: “o trabalho da anatomia estava encerrado, [...] a teoria das doenças orgânicas do sistema nervoso podia ser dada como completa: o que precisava

<sup>5</sup> Com efeito, na fundação de uma discursividade se trata de examinar a *heterogeneidade* de um discurso em relação ao outro precedente no duplo sentido de continuação e abertura a algumas possibilidades originais de intervenção. Ver FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Lisboa: Vega, 1992. p. 60 et seq. 1. ed. 1969.

<sup>6</sup> A descrição que aqui apresentamos segue as indicações enciclopédicas de Freud nos textos: *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim* (1886), *Histeria* (1888) e *Charcot* (1893).

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. *História da loucura na idade clássica*. 1. ed., 1961. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 553 e ss.

ser abordado a seguir eram as neuroses”.<sup>8</sup> Sabemos, pelo desenrolar dos fatos: o médico de Viena seguiria pelo mesmo caminho.

Desde o período de aprendizado com Charcot, conforme relata, Freud fora incentivado a fazer um *estudo comparativo* entre as paralisias orgânicas e histéricas.<sup>9</sup> Essa articulação propiciaria uma melhor definição dos elementos específicos atuantes no quadro da histeria como também do tipo de operação em vigor por sua *diferença* em relação aos sintomas de base anatômica. De fato, a clínica médica do final do século XIX fundava-se sob o olhar da *anatomia patológica*,<sup>10</sup> de forma que se servia de suas pesquisas de duas maneiras: quanto à presença da alteração mórbida e quanto à localização dessa disjunção.<sup>11</sup> A despeito disso, as neuroses em geral e a histeria em particular permaneciam, à reflexão médica, *irredutíveis*; daí para Freud: “o estado mórbido a que se aplica tal nome [histeria] caracteriza-se cientificamente apenas por sinais *negativos*”.<sup>12</sup> Em 1893, se Freud apontava relações de correspondência entre a paralisia dita orgânica e os fatos da anatomia, no caso da histeria, por seu turno, era necessário pensar a determinação da lesão numa dimensão completamente *outra*. Não obstante sua aproximação ao tipo de paralisia orgânica geral [*en masse*] tida nos termos de uma representação – já que não específica e pertencente a uma projeção imprecisa da lesão orgânica na paralisia corporal –, a experiência da histérica para ele era mais claramente descrita por dois fatores diferenciais conjuntos: *dissociação* dos sintomas e *intensidade* da expressão. Assim, por este caminho, o médico de Viena formularia decididamente: “[a histeria atua] como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento dela”.<sup>13</sup> Não seria o corpo a unidade

<sup>8</sup> FREUD, Sigmund. Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. 1. ed., 1886. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1, p. 44. 1. ed. 1886.

<sup>9</sup> FREUD, Sigmund. Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. 1. ed., 1893. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 1, 1996.

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. p. 141 et seq. 1. ed. 1963.

<sup>11</sup> FREUD, Sigmund. Charcot. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 3, p. 24. 1. ed. 1893.

<sup>12</sup> FREUD, Sigmund. *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*, p. 44.

<sup>13</sup> FREUD, Sigmund. *Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*. p. 212.

diretamente afetada, mas a ideia, a *concepção popular*<sup>14</sup> de corpo, de modo que a *representação* ligada à parte corporal na qual a paralisia histérica se manifesta estaria impedida de se comunicar via associação com as demais representações.

É neste momento que a parceria de Freud com Josef Breuer, tendo conhecimento já há algum tempo de um caso seu, o da Anna O.,<sup>15</sup> seria de grande valor, levando Freud a pensar a hipótese de um *trauma* afetando a representação corporal.<sup>16</sup> Carregada de afeto e afastada das representações conscientes, a representação traumática permaneceria vinculada a *outro estado de consciência*, manifesto tanto na alucinação histérica quanto na hipnose sugestiva. Vemos na contribuição de Breuer aos *Estudos sobre histeria* a presença marcante dessa hipótese, ligada à fase das atitudes passionais da *grande histeria*, ou seja, àquela da reprodução alucinatória da lembrança traumática. Os termos usados, tais como: *absences, condition seconde, clouds*, estímulos inconscientes e segunda consciência, parecem se constituir por uma relação de *sinonímia*, todos referidos a uma *divisão [splitting]* da consciência.<sup>17</sup> Com efeito, seria pela lembrança do *fato* original, em seu *status nascendi*, sob a expressão verbal, traduzindo o afeto em palavras, que o tratamento, como uma *talking cure*, deveria proceder.<sup>18</sup> Assim, destituída a hipnose, e, por sucessivas mudanças, manifesta a técnica da *associação livre*, como uma regra fundamental para a análise, a teoria do médico Freud se estabeleceria numa articulação específica com a linguagem, promovendo na clínica um lugar central à *palavra* como materialidade psíquica. Importava que o trauma sob a representação reclusa fosse rememorado por um falar desprendido de crítica e de censura, de modo que o seu conteúdo psíquico passasse à verbalização e, como correlato disso, o afeto, ligado à representação, fosse vivenciado no contexto de

<sup>14</sup> Trata-se de uma perspectiva apropriada por Freud a partir de uma reflexão de Janet. Ver *Ibid.*, p. 213.

<sup>15</sup> Ernest Jones nos indica que o caso havia sido atendido por Breuer entre 1880 e 1882, e relatado à Freud, em novembro do mesmo ano do término. Ver BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. *Estudos sobre histeria*. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 3, p. 14. 1. ed. 1983-1985.

<sup>16</sup> Na *Comunicação preliminar*, a ideia do trauma ligado à representação seria retomada, de modo que as representações traumáticas atuariam não meramente como *agent provocateur*, tal como pensava Charcot, atribuindo a real causa a fatores hereditários e degenerescentes, mas determinantes do fenômeno histórico. Ver *Ibid.*, p. 49 et seq.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 63 et seq.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 42 et seq., 65.

análise. Ora, se Freud pôde formular que *investigação e tratamento* em psicanálise coincidem,<sup>19</sup> deve-se ao fato de ele entender que a noção teórica do inconsciente, enquanto as frequentes lacunas<sup>20</sup> do entendimento consciente, em sua abordagem clínica, implica tanto um método, que incide no manejo da *transfêrência*, quanto uma caracterização precisa dos devidos atributos do *inconsciente*, como objeto. Nesse sentido, a descoberta do inconsciente ocorre num campo de observação específico em que a sua formalização coincide ao método de escuta empregado pelo terapeuta.<sup>21</sup> Assim, para retomar, centrando-se numa experiência de indeterminação pela perspectiva médica de sua época, isto é, a histeria, Freud pôde positivar a noção de *inconsciente representado*<sup>22</sup> como uma aposta conceitual operada na fundação de um campo novo de *saber*: a psicanálise. Da anatomia do corpo ao regime do trauma psíquico, a psicanálise como método de investigação e teoria do psiquismo é formada, dando espaço a uma outra via de acesso e tratamento do psicológico. Como podemos, agora, elucidar a determinação particular do conceito de inconsciente? Que transformações há na obra de Freud que ficaram para a comunidade psicanalítica como legado de sua experiência? São essas as questões que devem nos guiar a seguir.

<sup>19</sup> FREUD, Sigmund. Dois verbetes de enciclopédia. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 18, 1996. v. 18, p. 253. 1. ed. 1922/1923.

<sup>20</sup> FREUD, Sigmund. O inconsciente. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12, p. 102 et seq. 1. ed. 1915.

<sup>21</sup> Uma abordagem de leitura interessante que aqui se assemelha à nossa é desenvolvida por Jacques Nassif em *Freud l'inconscient* (1977). Ali, Nassif propõe entender o surgimento do que chama de espaço teórico da psicanálise através da noção de repetição de corte [*répétition de coupure*]. Inscrevendo a psicanálise numa série de experiências de cortes em relação ao saber médico, sua formação será pensada sob as bases da relação com o objeto e do ato de seu fundador. Ver NASSIF, Jacques. *Freud, l'inconscient: sur les commencements de la psychanalyse*. Paris: Éditions Galilée, 1977. p. 261 et seq. Um pouco antes, ele sintetiza essa perspectiva da seguinte maneira: “Longe de relacionar este ato de corte com a decisão de um sábio, somos obrigados nesse domínio a obter a demanda dos próprios pacientes. Anna O. obriga Breuer a ouvi-la falar, Emmy von N. obriga Freud a abandonar a hipnose e a interessar-se pelos sonhos, enquanto Elisabeth von R. obriga Freud a ouvi-la sem interromper etc”. Ver NASSIF, Jacques. *Freud et la science. Cahiers pour l'analyse*, v. 9, p. 151, 1968.

<sup>22</sup> Acertadamente, Alain Juranville propôs: “De fato, é no caso dos fenômenos patológicos que todo o comportamento e todos os pensamentos do sujeito podem cair no insensato e no não psíquico, se não se fizer com que intervenha um ‘outro’ modo do psiquismo. E foi por certo seu estudo das neuroses que levou Freud a formular a hipótese do inconsciente”. Ver JURANVILLE, Alain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 26.

## INCONSCIENTE INTENSIVO: PENSAR O IMPENSADO, VIVER A FINITUDE

Em seu livro sobre *As palavras e as coisas*, Michel Foucault propõe, para caracterizar de um modo amplo, um estudo sobre as diferentes configurações discursivas no desenrolar das épocas clássica e moderna, estabelecendo entre elas uma marcada descontinuidade. Os discursos seriam lidos conforme certa *ordem* na relação entre as palavras e as coisas, que funcionaria no fundo como um espaço comum de revelação da configuração do *saber* e do *modo de ser* das coisas. Assim, enquanto no classicismo a ideia de *representação em quadro* conduzia a toda uma análise uniforme da organização geral da natureza pela *soberania do discurso*, na modernidade, com o estabelecimento da figura do *impensado* e da analítica da *finitude*, o pensamento se veria lançado numa outra relação com a linguagem, sendo possível, somente a partir disso, o surgimento do *homem*. Antes disposta numa espécie de desdobramento inicial, espontâneo e ao mesmo tempo capaz de articular o universo das coisas, a *linguagem* apareceria no pensamento moderno dispersa, fragmentada, destacada da representação, haja vista o movimento da vida, a espessura da história e a desordem da natureza. É nesse fracionamento que a palavra encontraria o *sujeito*, como objeto do pensamento, que na análise de Foucault do quadro *As meninas*, de Velázquez, corresponde ao lugar real do pintor.<sup>23</sup> Esse lugar antes, de fato, estava preenchido plenamente pela figura do rei ou do soberano, como parte da representação em quadro. O espectador e o pintor ausentes passam agora a se reconhecer lá no centro como modelos, tendo seu lugar positivado por uma espécie de dobra da representação. Assim, o pensamento pôde voltar-se àquilo que era somente ausente, já que impensado, tornando, por isso, evidentemente, o *homem* um objeto de investigação e problematização. O impensado no quadro não se disporia mais como ausência inerte, sem efeitos, mas como que habitado e presentificado.

Com efeito, numa retomada da filosofia de Descartes ao inverso, o *cogito* é levado a percorrer o domínio do não pensamento como seu terreno mesmo

<sup>23</sup> A descrição de Foucault é rica: “Ao mesmo tempo objeto e sujeito, visto que o que o pintor tinha diante dos olhos ao se representar no seu trabalho era ele próprio, visto que os olhares figurados no quadro estão dirigidos para esse lugar fictício da personagem régia que é o lugar real do pintor, visto finalmente que o hóspede desse lugar ambíguo, onde se alternam, como que num pestanejar sem limite, o pintor e o soberano, é o espectador cujo olhar transforma o quadro num objeto, pura representação dessa ausência essencial”. Ver FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 424. 1. ed. 1966.

de sustentação. O diverso sensível, o sonho, a loucura, o erro, elementos que Descartes examina e ao mesmo tempo descarta, já que, aquém do pensamento propriamente dito, são agora tornados constituintes do domínio mesmo do pensar, atravessando o seu regime formal.<sup>24</sup> Nessa redistribuição, contudo, o homem, apesar de questionado quanto a *ser* tanto o *penso* quanto o *não penso*,<sup>25</sup> é tomado como categoria evidente e fundamento das demais positivities, daí a formação das ciências humanas, com seus estudos sobre o homem. Daí que, para Foucault, apesar de seu surgimento na história do pensamento, o impensado correlato ao homem findaria por diluir-se, já que *falado* sob a análise da consciência. A importância da psicanálise nesse contexto seria fundamental, já que ela se disporia justamente em sua pesquisa com o enfoque deliberado para a dimensão do impensado, porquanto detém no inconsciente seu objeto e método de investigação.<sup>26</sup> Assim, longe de estabelecer uma relação com o objeto que pretenda suturar, ou emancipar-se a ele para dizê-lo sob a consciência, a psicanálise desde Freud deverá se instaurar no lugar mesmo de sua irredutibilidade, tratando-o como *diferença* resistente a qualquer determinação positiva de sentido. In-consciente seria aquilo que, por definição, não se trata em absoluto de dar-se plenamente a um pensamento da *identidade*.

Ao pensar a relação entre psicanálise e impensado, Foucault irá aproximar a proposta freudiana de uma *analítica da finitude*, que é contemporânea à episteme moderna. Sob os desdobramentos da experiência do corpo, do desejo e da linguagem, o homem viu-se fundado por sua finitude e seus limites de atuação frente a um mundo fragmentado, exterior a ele e que, ao mesmo tempo, atravessa sua existência.<sup>27</sup>

<sup>24</sup> É nesse sentido que J.-A. Miller e J.-C. Milner, num comentário do texto foucaultiano, irão dizer: “O que eu penso é somente o efeito do que eu não penso”. Ver MILLER, Jacques-Alain; MILNER, Jean-Claude. Avertissement: nature de l’impensée. *Cahiers pour l’analyse*, v. 8, p. 4, 1968.

<sup>25</sup> Com efeito, a questão do *cogito* se desdobra para a do ser: “Posso dizer tanto que sou quanto que não sou tudo isso: o *cogito* não conduz a uma afirmação de ser, mas abre justamente para toda uma série de interrogações em que o ser está em questão: que é preciso eu ser, eu que penso e que sou meu pensamento, para que eu seja o que não penso, para que meu pensamento seja o que não sou?”. Ver FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*, p. 448.

<sup>26</sup> Lançar mão do termo *metapsicologia* é, em pelo menos um de seus sentidos, deixar-se guiar na investigação, diferentemente da psicologia ortodoxa, por um registro que não o da consciência. É nesse sentido que Freud diz: “temos que aprender a nos emancipar da importância dada ao sintoma ‘ser/estar consciente’”. Ver FREUD, Sigmund. *O inconsciente*, p. 134.

<sup>27</sup> FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*, p. 433.

Se o inconsciente detém em sua constituição o *impensado* propriamente dito, trata-se da mesma categoria de *indeterminação* ocupada na episteme moderna pela *finitude*, sendo nesse sentido que o filósofo poderá dizer:

A psicanálise se encaminha em direção ao momento – inacessível, por definição, a todo conhecimento teórico do homem, a toda apreensão contínua em termos de significação, de conflito ou de função – em que os conteúdos da consciência se articulam com, ou antes, ficam abertos para a finitude do homem.<sup>28</sup>

Trata-se de uma reflexão que teve seu início no *Nascimento da clínica* (1963), na qual o filósofo, por uma espécie de ironia ao *vitalismo* biológico de Canguilhem, propôs uma perspectiva da clínica médica pós-Bichat atravessada pelo *mortalismo*, sendo Freud herdeiro desse postulado. Para o psicanalista Joel Birman, ambas perspectivas em momentos diferentes seriam centrais para a mediação de certas escolhas *metafísicas* de Freud quanto ao entendimento do vivente e da constituição da doença, de modo que sua pergunta passaria por: “onde estaria, enfim, o fundamento do ser: na ordem ou na desordem, na vida ou na morte?”<sup>29</sup> Tudo se passa como se para Freud as questões profundas da humanidade tivessem de ser pensadas à luz desses dois modos opostos de entendimento. Ele se utiliza de uma referência na primeira parte de sua obra e de outra na parte final, e esta marcadamente influenciada pelo advento da Grande Guerra entre 1914 e 1918.

Desde a fundação da psicanálise até meados de 1920, a incorporação do *vitalismo* se fez valer na obra freudiana, sobretudo, pela ideia de um aparelho psíquico permeado por *excitabilidade*. De fato, as noções de *força vital* e *irritabilidade*, como características básicas do vivente, e a perspectiva *homeostática* do organismo efetivamente parecem regular a metapsicologia do primeiro Freud. A *sexualidade*, enquanto principal dispositivo do registro das *intensidades*, é entendida segundo derivações polimorfos de uma vitalidade implícita no psiquismo da psicanálise. Do ponto de vista econômico, sua energia deve seguir o rumo conforme um *princípio de deslocamento constante*, tendo seus alvos frequentemente invertidos e desviados.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 518.

<sup>29</sup> BIRMAN, Joel. A dádiva e o outro: sobre o conceito de desamparo no discurso freudiano. *PHYSIS: rev. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 17, 1999.

Trata-se de uma primeira *potência de desligamento* na teoria de Freud, que levará o autor a formular, em 1915, quanto ao objeto da pulsão: “é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela”.<sup>30</sup> Ademais, essas intensidades seriam reguladas por um *princípio de constância* a partir do qual o organismo tenderia a manter ou diminuir seu nível de estimulação (*Q̇*) ao máximo possível, sem nunca, no entanto, reduzir à zero.<sup>31</sup> Seja por mecanismos reflexos ou mediante atuação do eu, o psiquismo se esforçaria por operar a *descarga* automática ou a *ligação* secundária da energia incidente no psiquismo.

A partir de 1920, a teoria psicanalítica de Freud sofreria uma mudança radical. Apesar de alguns indícios do que apenas seria formalizado, como hipótese especulativa, em *Além do princípio do prazer*, o ponto de 1920 seria fundamental e decisivo, haja vista as *consequências teóricas* na metapsicologia e *desdobramentos* clínicos da assunção de uma outra teoria das pulsões. Notado por Bichat – na distinção que opera entre a anatomia do quadro patológico e as manifestações que antecedem à morte<sup>32</sup> – o processo de *mortificação* estaria para ele numa relação ao mesmo tempo coincidente e paralela à enfermidade orgânica. Nesse sentido, o anatomista pensaria o vivo numa relação estreita com a morte, que, presentificada na vida, anunciaria uma dimensão *relativa* da morte, já que não mais apenas inatingível, como ponto da absoluta dissolução do ser. Contrariamente à ótica vitalista, que pensava a vida e a doença a partir do vivo, de seus modelos mecânicos e constituintes químicos e humorais, para Bichat, a morte deveria ser incluída no registro da vida para dar-lhe a sua verdade. É por isso que:

Com Bichat, o conhecimento da vida encontra sua origem na destruição da vida e em seu extremo oposto; é à morte que a doença e a vida dizem sua verdade: verdade específica, irredutível, protegida de todas as assimilações ao inorgânico pelo círculo da morte que as designa no que elas são.<sup>33</sup>

<sup>30</sup> FREUD, Sigmund. O instinto e seus destinos. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 12, p. 149. 1. ed. 1915.

<sup>31</sup> FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. 1, 1996. p. 349. 1. ed. 1895.

<sup>32</sup> FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*, p. 161 et seq.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 167.

Posto isso, já em Foucault podemos notar: nos prenúncios da segunda tópica de Freud, a leitura se desenvolve por uma perspectiva da vida atravessada pelo *mortalismo*, imputando a ela finitude, fragilidade e limitações ao vivo. A formação do conceito de *pulsão de morte* como força primitiva de uma tendência do organismo ao estado inanimado representaria, nesses termos, a influência decisiva de um mortalismo no encaminhamento teórico de Freud. A *morte* é postulada como origem do ser e como força positiva silenciosa e oposta à vida. De fato, também haveria uma retomada em Freud da hipótese da *inércia* psíquica, sob o título de *princípio de nirvana*, apostando agora no movimento de descarga absoluta da energia vital. A intensidade, antes regulada até um certo ponto, atinge agora a sua maior radicalidade, por ser entendida à luz da experiência de morte em toda a sua força e incidência destrutiva. A potência de *desligamento*, antes vinculada à libido, como que por uma sexualidade multiforme, será deslocada, já que o sexual associou-se em 1914 aos mecanismos narcísicos de projeção e introjeção do eu,<sup>34</sup> para as moções pulsionais de morte. O vivente, portanto, passa a ser entendido a partir do embate entre as pulsões de vida (figura de *Eros* e potência do Um) e as pulsões de morte (figura de *Tânatos* e potência do Múltiplo), sendo o sexual incluído em *Eros*. Assim, a atribuição parcial da categoria de morte ao conceito da pulsão inclui na experiência psíquica a dimensão da morte como sempre presente no fundo de seus mecanismos regulatórios e de suas operações de pensamento e razão, sendo toda a metapsicologia da segunda tópica de Freud equacionada desde essa escolha teórica. As consequências da *finitude* no dispositivo freudiano incidirão sobre a perspectiva de uma *análise sem fim*, sob o signo da *impossibilidade*<sup>35</sup> de três práticas sociais: educar, governar e psicanalisar.

<sup>34</sup> Seguimos a mesma perspectiva de Laplanche quando diz: “Enquanto que, desde o início da psicanálise, a sexualidade era, em sua essência, hostil à ligação – um princípio de ‘desligamento’ ou de desencadeamento que podia ser ligado somente através da intervenção do eu – o que aparece com *Eros* é a *forma ligada e ligadora* da sexualidade, trazida à luz pela descoberta do narcisismo”. Ver LAPLANCHE, Jean. *Life and death in psychoanalysis*. Baltimore; Londres: The Johns Hopkins University Press, 1990. p. 123. 1. ed. 1970.

<sup>35</sup> A dimensão da finitude da morte, representada pelo pulsional, reverterá a análise à dimensão infinita. Nesse confronto, Freud descreve, por meio da metáfora bélica, a experiência psicanalítica como estando do lado mais fraco, vencendo sempre os *batalhões* mais fortes da pulsão. Ver FREUD, Sigmund. *Análise terminável e interminável*. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 23, p. 256. 1. ed. 1937.

O conceito de inconsciente pensado a partir tanto do vitalismo como do mortalismo tem como base a dimensão da *intensidade*, de modo que, independentemente do período do texto freudiano, é possível localizar a sua *permanência* e, desse modo, sempre como *embate* ao registro da governabilidade e à condição de *cogito* como registro da condução da experiência subjetiva. Se, no primeiro momento, o inconsciente opera segundo o padrão vitalista, sendo a descarga absoluta da energia uma fronteira intransponível, no segundo momento, a hipótese de morte é positivada, daí justamente a potência de excitabilidade vê-se capaz de romper os limites do vivo, operando como força de desligamento e disrupção nos mecanismos narcísicos da vida. Vê-se que o inconsciente nesse percurso é promovido num espaço de intensidade que tende a operar de uma forma cada vez mais radical e irreduzível ao princípio sempre oposto de síntese e ligação simbólica. Nessa perspectiva – retomando Foucault –, se o *homem* na psicanálise aparece interpelado pelas figuras do *impensado* e da *finitude*, sendo a positivação conceitual dessas figuras em Freud a noção de *inconsciente intenso*, queremos examinar alguns destinos possíveis disso na teoria psicanalítica, analisando o modo pelo qual tais figuras são acolhidas em seu dispositivo.

#### DIFERENÇA E NEGATIVO: QUE PENSAMENTO HÁ EM PSICANÁLISE?

Até aqui expusemos de uma forma breve o lugar da experiência de Freud com a histeria na constituição da psicanálise. Vimos que se tratou de operar numa posição de limite à reflexividade médica, que tomava como base apenas a dimensão objetiva da anatomia patológica, positivando a partir daí conceitos específicos de uma abordagem psicológica da doença. A hipótese do inconsciente é levantada, inscrevendo-se em dois registros fundamentais da modernidade, quais sejam, o impensado e a finitude. No que tange ao não pensamento, o inconsciente desvelaria toda uma dimensão do *ser*<sup>36</sup> para além do *cogito*, ocultada pela representação clássica, e quanto à finitude, a morte, com toda a sua força, apresentar-se-ia irreduzível a toda tentativa de *ligação* e apreensão simbólica de um eu regulado pela *identidade*. Resta saber, afinal, que perspectiva do homem

<sup>36</sup> Ver LACAN, Jacques. Réponse au commentaire de Jean Hyppolite sur la 'Verneinung' de Freud. In: \_\_\_\_\_. *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966. p. 388. 1. ed. 1954.

é constituída na psicanálise. Não seria evidentemente a do homem da autoconsciência, criticada por Foucault, mas uma que *acolhe* devidamente a indeterminação própria ao inconsciente. Para examinar esse ponto, nos valeremos das noções de diferença e negativo na filosofia, visando aclarar o tipo de pensamento em questão na psicanálise no que concerne à compreensão da subjetividade.

A dimensão da *diferença* como modo de apresentação do inconsciente na teoria psicanalítica foi desenvolvida por Gilles Deleuze, sobretudo, em alguns trabalhos da década de 1960. Com efeito, para o autor, a proposição do *instinto de morte*, por Freud, como aquilo que *transcende* o princípio do prazer, deve tocar no domínio das intensidades em seus estados *livres e dispersos*. *Empiricamente*, contudo, sua disposição no psiquismo estaria em íntima relação ao instinto de vida, Eros, que trata de ligar a energia de Tânatos.<sup>37</sup> Não obstante, o inconsciente persistiria como potência da diferença, resistindo enquanto *máscara* ou *simulacro*, de modo que a repetição seria determinante, tendo precedência ao recalque e ao esquecimento, como imposição de limite à representação. É por isso que, para Deleuze:

Não repito porque recalco. Recalco porque repito, esqueço porque repito. Recalco porque, para começar, não posso viver certas coisas ou certas experiências senão sob o modo da repetição. Sou determinado a recalcar o que me impediria de vivê-las assim: trata-se da representação, que mediatiza o vivido reportando-o à forma de um objeto idêntico ou semelhante.<sup>38</sup>

A possibilidade de pensar uma experiência clínica em psicanálise alinhada à *diferença* do inconsciente estaria de acordo justamente com a formalização freudiana relativamente à transferência. Aproximada à repetição, já em Freud, a *transferência*, antes de lugar de conquista pela representação, deve consistir em espaço de aparição da disrupção, do conflito – e, portanto, funcionando como doença, aprisionamento e *destruição* –, mas, também, em modo de libertação – daí como cura e *salvação*. Tratar-se-ia, na clínica, menos da representação via simbo-

<sup>37</sup> A distinção entre o transcendental dos instintos de morte e a empiricidade de sua disposição no psiquismo, já no embate com os instintos de vida, é abordada detidamente em DELEUZE, Gilles. *Présentation de Sacher-Masoch: le froid et le cruel*. Paris: Minuit, 1967. p. 96 et seq.

<sup>38</sup> DELEUZE, Gilles. *Différence et répétition*. Paris: PUF, 1968. p. 29.

lização dos eventos traumáticos e das reações transferenciais em análise, e mais da *autenticação* de papéis e da *seleção* de máscaras da subjetividade. Deleuze quer pensar uma clínica *para além* da representação,<sup>39</sup> que não se regule por seus protocolos já que, assim, estaria subsumida a intensidade própria à diferença, e a relação à repetição teria só um destino: o impasse clínico.

Ora, enquanto Deleuze pôde contemplar a presentificação de Tântatos como fluxo de intensidade capaz de, na representação, criar a cena do recalque, o psicanalista Lacan, por sua vez, somente podia conceber a pulsão de morte própria ao *real* do inconsciente constitutivamente marcada pelo *impasse*.<sup>40</sup> Seria por um ir e vir característico que a pulsão se estabeleceria por uma satisfação de nenhum objeto. Se essa satisfação, nesses termos, é paradoxal, o *caminho para o sujeito* na psicanálise dar-se-á pela *impossibilidade*.<sup>41</sup> Apesar disso, é por essa via que Deleuze deve incluir os lacanianos na mesma linhagem dos padres sacerdotais, inscrevendo a psicanálise num pensamento *da resignação*, já que, ao criar

<sup>39</sup> Trata-se, para o filósofo, de propor modos de pensar e agir do ser que o liberem da esfera limitada da representação. Daí a ideia de transcender o humano que, expressa, por exemplo, pela noção de *máquinas desejanτες*, que “nada representam, nada significam, nada querem dizer”, lhe servirá de instrumento para pensar o regime da produção. Ver DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Ed. 34, 2010. p. 380. 1. ed. 1972. Para Peter Hallward, “o objetivo geral é o de perseguir um processo de subtração redentiva que é, simultaneamente, uma fuga de todas as restrições determinadas e reincorporação dentro da determinação absoluta do poder criativo infinito”. Ver HALLWARD, Peter. You can't have it both ways: Deleuze or Lacan. In: BOLLE, Leen de. *Deleuze and psychoanalysis: philosophical essays on Deleuze's debate with psychoanalysis*. Belgium: Leuven University Press, 2010. p. 37.

<sup>40</sup> Segundo Slavoj Žižek, o ponto de partida para uma leitura que promove o encontro de Deleuze com Lacan deve começar pela brutal substituição de *máquinas desejanτες* por pulsão. A pulsão lacaniana: anônima, acéfala, que, como órgão sem corpo, precede ao triângulo edípico e à dialética da lei e transgressão, deve corresponder exatamente à descrição deleuziana das máquinas nômades pré-edípicas de desejo. A diferença central para o autor, todavia, é que, se, para Deleuze, o desejo, como fluxo primordial e intensidade, é por excelência antirrepresentacional, criando a cena da representação e do recalque *a posteriori*, para Lacan, a pulsão não é sem a dimensão do impasse, encontrando inclusive satisfação nessa mesma repetição. Ver ŽIŽEK, Slavoj. *Less than nothing: Hegel and the shadow of dialectical materialism*. Londres; Nova York: Verso, 2012. p. 452.

<sup>41</sup> Encontramos essa perspectiva em Lacan, para quem: “É preciso distinguir bem a volta em circuito da pulsão daquilo que pode aparecer num terceiro tempo. A saber, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim: não que já existe um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novidade ver aparecer um sujeito”. Ver LACAN, Jacques. *Le séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973. p. 162. 1 ed. 1964.

o desejo, o faz para suturá-lo,<sup>42</sup> já que inscrito na falta própria ao impossível. Trata-se da mesma crítica endereçada à *negatividade* de Hegel, que trata da subordinação da diferença à forma negativa, sendo apenas o contrário da identidade.

A questão é que o *negativo* que Deleuze atribui a Hegel não toca numa dimensão fundamental para o filósofo de Iena, que fala de sua própria posituação na *coisa*, enquanto *diferença em si mesma*. Consiste na fase do *entendimento* no itinerário da consciência da *Fenomenologia* em que esta percebe, na *internalidade* do objeto, como reflexão-em-si do para-si existente, uma *diferença* que, na mudança fenomênica e exteriormente distinta, permanece idêntica a si, devendo realizar-se ela mesma para a consciência como essência.<sup>43</sup> Para a filósofa e psicanalista David-Ménard, a crítica de Deleuze finda por ser negligente, porque se em Hegel a diferença é pensada como contradição é justamente a incompatibilidade dos termos no mesmo processo dialético atual que os distancia de um sonho de síntese unificadora.<sup>44</sup> A diferença entre os termos se dá desde a diferença interna de cada um, individualmente – para além do jogo de contrários. Slavoj Žižek questionará retoricamente: “Não é o insight básico de Hegel precisamente que toda oposição externa está fundada na auto-oposição imanente das coisas, ou seja, que toda diferença externa implica a autodiferença?”<sup>45</sup> Ora, se na percepção ingênua a relação da consciência com o objeto se dá na modalidade da determinação, daí o saber imediato, no entendimento, a consciência, frente à *liberdade* do objeto que é, no fundo, sua *indeterminação*, se veria limitada em sua própria autonomia reflexiva.<sup>46</sup>

<sup>42</sup> Ver DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998. p. 63 et seq. 1. ed. 1977.

<sup>43</sup> Podemos ver um exemplo dessa perspectiva quando Hegel diz: “Ora, se esse negativo aparece primeiro como desigualdade do Eu em relação ao objeto, é do mesmo modo desigualdade da substância consigo mesma. O que parece ocorrer fora dela [...] é o seu próprio agir; e ela se mostra [assim] ser essencialmente sujeito”. Ver HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2007. § 37, p. 47. 1. ed., 1807. A mesma ideia está presente também em HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das ciências filosóficas em epitome*. Lisboa: Edições 70, 1988. v. 3, § 422, p. 54. 1. ed., 1830.

<sup>44</sup> DAVID-MÉNARD, Monique. *Deleuze et la psychanalyse: l’altercation*. Paris: PUF, 2005. p. 107.

<sup>45</sup> ŽIŽEK, Slavoj. *Deleuze and the lacanian real*. In: Lacan dot com, 2007. Disponível em: <<http://www.lacan.com/zizrealac.htm>>.

<sup>46</sup> Assim, a verdade do objeto deve recair para a consciência como negação de seu desejo destruidor – pois se trata de um *objeto livre* e, como tal, outra consciência –, e, ao mesmo tempo, como expressão de sua *verdade*, de um si-mesmo da consciência, que é consciência-de-si. O objeto como meu é minha representação, pois é nele que sei de mim. Ver HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Enciclopédia das ciências filosóficas em epitome*, § 415, p. 50.

De fato, para Hegel, a figura da *morte* aparece como senhor absoluto, diante do qual a consciência é cerceada em sua vontade individual e no imediatismo de seu desejo. Trata-se ao servo de um *caminho de desespero*, que tem como base a experiência de *angústia*.<sup>47</sup> Esse encontro, entretanto, com o que há de mais negativo, ou seja, a morte, longe de se revelar apenas como destruição de si, ou puro *despedaçar-se*, permite à consciência um realizar-se no objeto como indeterminação, e nisso segue-se um modo de acesso à essência.<sup>48</sup> É no interior dessa perspectiva que Žižek irá equacionar a controversa noção de *saber absoluto* em Hegel. A dimensão de síntese do processo dialético, para o filósofo, que parece postular – na inversão da tese pela antítese – uma reconciliação final entre saber e verdade, está longe de indicar uma progressão no movimento da consciência pela dissolução da opacidade do negativo, por sua inversão dialética. Na suspensão [*Aufhebung*] da negação não se pretende em absoluto o ultrapassamento da cisão inicial. O único deslocamento que realmente ocorre é *subjetivo*.<sup>49</sup> O *segredo* da verdade, que se supunha posição de essência e fundamento da existência, sendo, porém, de início *inacessível*, torna-se ele mesmo incluído no *modus operandi* da verdade.<sup>50</sup> Assim sendo, a referida distância do saber à verdade deve consistir, na realidade, na impossibilidade mesma de sua resolução, e a conciliação própria ao pensamento trataria do acolhimento da indeterminação do negativo<sup>51</sup> e, contra Deleuze, de sua própria positivação, como diferença na experiência da subjetividade.

<sup>47</sup> HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*, § 194, p. 149.

<sup>48</sup> A experiência de morte pela consciência será desenvolvida por Hegel como um elogio ao negativo: “A morte – se assim quisermos chamar essa inefetividade – é a coisa mais terrível; e sustentar o que está morto requer a força máxima. [...] O espírito só alcança sua verdade na medida em que se encontra a si mesmo no dilaceramento absoluto. Ele não é essa potência como o positivo que se afasta do negativo. [...] Ao contrário, o espírito só é essa potência enquanto encara diretamente o negativo e se demora junto dele. Esse demorar-se é o poder mágico que converte o negativo em ser”. *Ibid.*, § 32, p. 44.

<sup>49</sup> ŽIŽEK, Slavoj. *Organs without bodies: Deleuze and consequences*. Nova York: Routledge, 2004. p. 14.

<sup>50</sup> Nesse sentido, “a coincidência hegeliana entre o caminho para a verdade e a verdade implica, ao contrário, que já se tocou desde sempre na verdade; [...] [a] insuficiência do saber, sua falta em relação à verdade, indica sempre uma falta, uma não-realização no seio da própria verdade”. Ver ŽIŽEK, Slavoj. *O mais sublime dos históricos: Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991. p. 113, 1. ed. 1988.

<sup>51</sup> Para o filósofo Gérard Lebrun, a noção hegeliana de conceito implica necessariamente a ideia correlata de indeterminação do objeto, e, nesse sentido, aquele se torna ele mesmo indeterminado. Ver LEBRUN, Gérard. *La patience du concept: essai sur le discours hégélien*. Paris: Gallimard, 1972. p. 353.

PARA CONCLUIR

O inconsciente abordado pelas figuras da *finitude* e do *impensado* pode assim representar uma categoria fundamental que, mantida no cerne da teoria psicanalítica, permite um encaminhamento à *subjetivação* na clínica. Concordamos com Lacan quando diz: “ser do não-ente, é assim que advém o Eu [*Je*] como sujeito que se conjuga pela dupla aporia de uma substância verdadeira que se abole por seu saber e de um discurso em que é a morte que sustenta a existência”.<sup>52</sup> É à *indeterminação* do sujeito representada pela figura do *inconsciente* que se dirige a psicanálise, sendo que aquela retorna sobre esta como modo de *acolhimento do negativo* para além do pensamento da identidade e da representação. O *saber* na psicanálise se dará por uma caracterização *não-toda*,<sup>53</sup> sendo a partir daí possível somente o *advento* de um sujeito. A negatividade assim considerada não é em absoluto um instrumental para ascensão da consciência, segundo eu desde o *cogito*, ou para a resignação, visto a realidade traumática de um impossível do inconsciente, antes surge como figura de um *pensamento da diferença*, que mantém o inconsciente como registro fundamental. Trata-se de pensar, portanto, a constituição e o desenvolvimento da teoria psicanalítica a partir das experiências de singularidade e de irreduzibilidade do objeto subjetivo – já que este não se submete à determinação do saber –, sendo por essa mesma razão capaz de produzir conceitos.

<sup>52</sup> LACAN, Jacques. Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In: \_\_\_\_\_. *Ecrits*. Paris: Seuil, 1966. p. 802. 1. ed. 1960.

<sup>53</sup> Trata-se de pensar a verdade do inconsciente como resistente ao projeto de saber que pretende esgotar o sentido do objeto nas dimensões universal e definitiva do conceito. De modo que, para Lacan, o saber em psicanálise deve passar por “um revisionismo permanente, em que a verdade está em constante reabsorção naquilo que ela tem de perturbante, não sendo em si mesma senão o que falta à realização do saber”. *Ibid.*, p.797.